



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Praça S. Pedro

Quarta-feira, 6 de novembro de 2019

[Multimídia]

Catequese sobre os Atos dos Apóstolos - 15

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Continuamos o nosso “caminho” com o livro dos Atos dos Apóstolos. Depois das provações em Filipos, Tessalónica e Bereia, Paulo chegou a Atenas, precisamente no coração da Grécia (cf. *At 17, 15*). Esta cidade, que vivia à sombra de antigas glórias apesar da decadência política, ainda mantinha a primazia da cultura. Aqui o Apóstolo «fremia de indignação, ao ver a cidade repleta de ídolos» (*At 17, 16*). Contudo, este “impacto” com o paganismo, em vez de o fazer fugir, estimula-o a criar uma ponte para dialogar com essa cultura.

Paulo escolhe familiarizar-se com a cidade e começa portanto a frequentar os lugares e as pessoas mais significativas. Vai à sinagoga, símbolo da vida de fé; vai à praça, símbolo da vida da cidade; e vai ao Areópago, símbolo da vida política e cultural. Ele encontra judeus, filósofos epicuristas e estoicos, e muitos outros. Encontra-se com todas as pessoas, não se fecha, vai falar com todas as pessoas. Assim Paulo observa a cultura e o ambiente de Atenas «a partir de um olhar contemplativo» que descobre aquele «Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas e nas suas praças» (*Evangelii gaudium*, 71). Paulo não olha para a cidade de Atenas nem para o mundo pagão com hostilidade, mas com os olhos da fé. E isto faz-nos questionar sobre a nossa forma de olhar para as nossas cidades: observamo-las com indiferença? Com desprezo? Ou com a fé que reconhece os filhos de Deus no meio das multidões anónimas?

Paulo escolhe o olhar que o leva a abrir uma brecha entre o Evangelho e o mundo pagão. No coração de uma das mais famosas instituições do mundo antigo, o Areópago, ele realiza um extraordinário exemplo de inculturação da mensagem da fé: proclama Jesus Cristo aos adoradores dos ídolos, e não o faz agredindo-os, mas tornando-se «pontífice, construtor de pontes» (*Homilia em Santa Marta*, 8 de maio de 2013).

Paulo inspira-se no altar da cidade dedicado a «um deus desconhecido» (*At 17, 23*) — havia um altar com uma inscrição “ao deus desconhecido”; nenhuma imagem, nada, apenas aquela inscrição. A partir dessa “devoção” ao deus desconhecido, para entrar em empatia com os seus ouvintes, ele proclama que Deus «vive entre os cidadãos» (*Evangelii gaudium*, 71) e «não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tacteando» (*ibid.*). É precisamente esta presença que Paulo procura revelar: «Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio» (*At 17, 23*).

Para revelar a identidade do deus que os atenienses adoram, o Apóstolo parte da criação, isto é, da fé bíblica no Deus da revelação, para chegar à redenção e ao juízo, isto é, à própria mensagem cristã. Ele mostra a desproporção entre a grandeza do Criador e os templos construídos pelo homem, e explica que o Criador se faz procurar sempre para que todos o possam encontrar. Assim Paulo, segundo uma bela expressão do Papa Bento XVI, anuncia «Aquele que os homens ignoram, e todavia conhecem-No: o Ignorado-Conhecido» (Bento XVI, *Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins*, 12 de setembro de 2008). Em seguida, convida todos a ir além dos “tempos da ignorância” e a decidir-se pela conversão em vista do juízo iminente. Assim, Paulo chega ao querigma e alude a Cristo, sem o citar, definindo-o como o Homem, que Deus «designou, oferecendo a todos um motivo de crédito, com o facto de o ter ressuscitado de entre os mortos» (*At 17, 31*).

E aqui está o problema. A palavra de Paulo, que até agora tinha mantido os seus interlocutores em expectativa — porque era uma descoberta interessante — encontra um obstáculo: a morte e a ressurreição de Cristo parecem «loucura» (*1 Cor 1, 23*) e suscita zombaria e escárnio. Então Paulo afasta-se: a sua tentativa parece ter fracassado, mas ao contrário, alguns aderem à sua palavra e abrem-se à fé. Entre eles está um homem, Dionísio, um membro do Areópago, e uma mulher, Damaris. Também em Atenas o Evangelho se enraíza e pode correr em duas vozes: a do homem e a da mulher!

Peçamos também nós hoje ao Espírito Santo que nos ensine a construir pontes com a cultura, com quantos não creem ou com aqueles que têm um credo diferente do nosso. Sempre a construir pontes, sempre a estender a mão, sem agredir. Peçamos-lhe a capacidade de inculturar delicadamente a mensagem de fé, com um olhar contemplativo sobre quantos não conhecem Cristo, movidos por um amor que aquece também os corações mais endurecidos.

Saudação

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos de língua portuguesa, especialmente os membros da Associação de Imprensa de Inspiração Cristã, de Portugal, e os fiéis brasileiros de Niterói.

Queridos amigos, neste mês de novembro, somos convidados a rezar pelos defuntos. Guiados pela fé na comunhão dos Santos, procurai encomendar a Deus, sobretudo na Eucaristia, os vossos familiares, amigos e conhecidos falecidos, sentindo a proximidade deles na grande companhia espiritual da Igreja. Que Deus vos abençoe a todos!